

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

DA ARTE POPULAR ALENTEJANA I. O CHIFRE DE BOI LAVRADO.

MONIZ, Manuel de Carvalho

Ano: 1962 | Número: 72

Como citar este documento:

MONIZ, Manuel de Carvalho, Da arte popular alentejana I. O chifre de boi lavrado. *Revista de Guimarães*, 72 (1-2) Jan.-Jun. 1962, p. 161-174.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Da Arte popular alentejana

O chifre de boi lavrado.

Pelo DR. MANUEL DE CARVALHO MONIZ

É no ganadeiro alentejano que vamos encontrar um dos mais exímios artífices da grande maioria dos objectos da tão característica arte popular da província do Alentejo.

Para isso certamente contribui o isolamento em que o pastor vive

«Na doce paz das aldeias
Na solidão das herdades» (1)

isolamento este só quebrado pelo cântico das aves e dos grilos, pelo tilintar dos chocalhos do gado na pastagem e ocasionalmente talvez pelo ruído distante dos guizos no seu tilintar louco na guizeira dalguma parelha passando com o seu carro solavancando nos caminhos velhos da herdade.

Assim o pastor à sombra do montado vai quebrando a monotonia da sua vida rústica, ocupando o seu tempo a cortar, esculpir ou gravar na madeira, na cortiça ou no chifre interessantes desenhos e figuras que trans-

(1) Conde de Monsaraz, *Musa Alentejana*, poesia «Alma Religiosa», Lisboa, 1954, pág. 67.

formam um bocado de pau, cortiça ou chifre em artísticas e valiosas peças que causam o enlevo a todos que as contemplam.

Os trabalhos de madeira, como por exemplo, as curiosas *pintadeiras* (ou *chavões*); timbres de madeira de buxo para marcar bolos, caprichosa e lindamente esculpidos a navalha, e as correntes de relógios de bolso com pequeninas argolas e berloques pendentes; os objectos de cortiça como os *teigos*, saleiros e tarros são interessantíssimos, mas é sobretudo na utilização do chifre de boi que o pastor alentejano emprega, com mais cuidado e meticulosidade, a variada gama do seu engenho ao fazer os objectos tão interessantes da arte rústica alentejana. Nele se revela toda a série das suas excepcionais qualidades para desenhar, lavrar e esculpir os objectos que se propõe fazer.

O ilustre mestre de etnógrafos portugueses, Professor José Leite de Vasconcelos, também apreciou a arte do chifre lavrado e sobre ela escreveu um curioso artigo intitulado «Uma corna alentejana», primeiro publicado na revista *A Alma Nova* e depois reproduzido novamente nos *Opusculos*. (1)

O ganadeiro não tem oficina, nem trabalha geralmente em casa, mas, ao deixar o «monte» ou a sua aldeia com o rebanho ou a manada e vai para o campo, leva consigo os instrumentos de trabalho e nas dilatadas horas em que

«O sol caustica a prumo a rústica devesa!
Exala-se da terra um bafo ardente; o gado
Sedento, mal resfolga à sombra do montado,
Nas fulvas crispações dessa fornalha acesa» (2)

sentado à sombra duma azinheira ou dum sobreiro o guardador de gado trabalha então e vai desenhar,

(1) Volume V, pág. 440. A este estudo fez referência o ilustre etnógrafo Dr. Luis Chaves numa interessante comunicação apresentada ao Colóquio de Estudos Etnográficos «Dr. José Leite de Vasconcelos», promovido no Porto em Junho de 1958, pela Junta de Província do Douro Litoral. *Actas do Colóquio* vol. I, pág. 87.

(2) Conde de Monsaraz, *Musa Alentejana*, poesia «A Calma», pág. 135.

bordar, ramear, lavar, pintar ou *roclar* (1) as peças que constituem a tão característica arte popular alentejana.

As ferramentas ou instrumentos que utiliza são geralmente metidos no *surrão* (2), na alcofa ou na *burjaca* (3), conduzidos às costas ou presos ao cinto, ou ainda em cima da albarda da burra que leva também o *avio* e a *copa*. Porém se a faca e a *legra* são levadas nos bolsos então é costume metê-las em bainhas de couro, para não ferirem ou romperem a roupa.

Os utensílios de que o pastor se serve são: — a faca, a *legra*, o compasso, o ponteiro de ferro ou aço e, por vezes, também o lápis.

A *legra* é uma espécie de faca de lâmina curta e bastante afiada que serve para escavar a madeira, cortiça ou chifre. É um provincialismo alentejano, mas de origem castelhana este instrumento (4).

A faca tem uma ponta muito afiada e aguçada, com um cabo forte e bastante resistente pois serve, simultaneamente, para cortar e riscar o desenho que o artista se propõe executar na peça.

Com o ponteiro ou o lápis o pastor esboça o desenho que se propõe executar — rosetas, enxadrezados,

(1) *Roclar*, o mesmo que encher de «roclós», isto é, de enfeites qualquer utensílio. Usado na vila de Pavia, concelho de Mora, distrito de Évora. V. Vergílio Correia, *Arquivo Transtagano*, N.º 5, Ano IV, pág. 78.

Rocló é qualquer desenho, arabesco, etc, feito à navalha em objecto de madeira, cortiça ou chifre. É quase sempre trabalho de pastores. (Portel). V. José António Pombinho Júnior, *Retalhos de um Vocabulário*, 1939.

João Rosa escreve: «No Alentejo é vulgar, registo, encontrarem-se pastores e outros rurais com verdadeiras aptidões artísticas manifestadas geralmente nos «roclós» ou trabalhos manuais a canivete». in *Alentejo à janela do Passado*, Lisboa, 1940, pág. 76.

Cândido de Figueiredo — em «rocloró» e «roqueló» diz serem o mesmo que «rocló», mas por lapsos não arquivou este termo nem aos outros deus significados.

(2) O «surrão» é uma bolsa de couro destinada a levar o farnel dos pastores e é usado aos ombros. Torrinha. *Dicionário*, pág. 1254, Ed. 6.ª, J. Domingos Barreira, Porto, 1937.

(3) A «burjaca» é uma bolsa de couro usada pelos accefidores, presa ao cinto, geralmente do lado esquerdo. J. A. Pombinho Júnior, *Retalhos de um Vocabulário*, Porto 1939, pág. 78.

(4) Cândido de Figueiredo, *Dicionário da Língua Portuguesa*, 4.ª ed., Vol. II, pág. 48.



Fig. 1

entrelaçados, estrelas, chaveirões, calabres, cordas ou torçais, laços, cabeças de cravos, entrançados, folhagens, flores, figuras do reino animal ou vegetal, moedas, etc., e, sobre este traçado, vai então o artista, vagarosamente, dando forma ao desenho, ao escavado, ao relevo, transformando-o deste modo numa peça magnífica.

O chifre de boi é designado no Alentejo por muitos vocábulos: aste, corno, chavelho, «joia de alforje» (1), «pau do ar» (2), etc.

O chifre próprio dito é uma formação epidérmica, consiste em longas fibras sólidas e elásticas unidas paralelamente entre si e envolvendo o cone ósseo.

Para ser utilizado deve separar-se deste cone, o que se consegue mergulhando-o em água bem quente, donde resulta um amolecimento permitindo que, por efeito dessa brandura, ofereça uma maior maleabilidade material, trabalhando-se assim com muito maior facilidade. Depois, pelo arrefecimento natural, o chifre volta ao endurecimento e a ter a resistência ou dureza primitiva.

Desde os tempos mais remotos que a ponta dos chifres é utilizada pelo homem, como amuleto, pois já «os fiéis de Amon tinham por símbolo um corno, que traziam bem visível, do que ninguém podia impedi-los, porque o corno fora sempre um ornamento lícito» (3).

Utilizando o chifre de boi fazem os pastores, boieiros ou ganadeiros alentejanos os mais variados objectos. Assim temos conhecimento dos seguintes:

Azeiteiros
Azeitoneiros
Caldeirinhas
Colheres

(1) Usado na região de Évora e Montemor-o-Novo. Citado por J. A. Pombinho Júnior, *Retalhos de um Vocabulário*, pág. 97.

(2) Usado na região de Évora e Aljustrel. Citado por J. A. Pombinho Júnior, *Retalhos*, pág. 107, e Dr. Brito Camacho, *Gente Rústica*, pág. 105.

(3) Mika Waltari, *O Egípcio*, pág. 420, Ed. Livraria Bertrand, Lisboa.

Copos
Liaras
Paliteiros
Polvarinhos
Tabaqueiras

Os AZEITEIROS são feitos dos chifres grandes dos bovinos e destinam-se, como a sua designação indica, ao transporte do azeite e ainda do vinagre, fazendo parte do que se denomina o *avio* de ganhões e ganadeiros alentejanos.

No interessante museu rural instalado na sede da Casa do Povo da cidade de Estremoz tivemos oportunidade de apreciar, entre outras belas peças feitas de chifre, três ou quatro azeitoneiros todos lavrados com os mais variados desenhos geométricos, flores, fitas e animais.

Os AZEITONEIROS destinam-se ao transporte das azeitonas, que são um dos condutos usados na alimentação dos rurais alentejanos. O artista utiliza a parte central do chifre por ser a mais larga. O fundo ou base é geralmente de madeira ou de cortiça pregado com pregos de larga cabeça amarela. A tampa é, por vezes, de madeira deliciosamente trabalhada com enfeites tais como estrelas, flores e figuras.

O azeitoneiro de que reproduzimos o desenho completo do rameado (figura 1) é uma bela peça da arte rústica alentejana e pertence à Delegação da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, de Évora, e tem as seguintes dimensões: base 0,060, altura 0,180, boca 0,075 x 0,082.

A base é de cortiça pregada ao chifre com quinze pregos amarelos de cabeça semiesférica. A tampa, também de cortiça, é lisa. Todo o corpo desta peça rústica é magnificamente trabalhado com vários desenhos esculpidos, certamente, a canivete ou a navalha.

A CALDEIRINHA é outra peça bem interessante da arte rústica feita em chifre. No curiosíssimo museu existente nas dependências da Igreja Matriz da histórica vila de Monsarás, do Distrito de Évora, encontramos junto a uma antiga espingarda de carregar pela

boca, uma curiosa caldeirinha das que os caçadores costumavam então usar para tirar água dos poços e fontes.



Fig. 2

Nesta bem interessante peça o artista utilizou a parte de maior diâmetro do chifre, isto é, a mais larga, pois a caldeirinha tem as seguintes dimensões: 0,080 \times 0,075 \times 0,080. (Figura 2).

Tem uma asa de arame amarelo bastante fino que se fixa numa pequena chapa de metal amarelo, pregada à parte superior com dois pregos. O fundo é de madeira.

Nas COLHERES feitas de chifre encontramos frondosos e variadíssimos desenhos de ornamentos artísticos, tal como se vêem nas tão belas colheres de pau. Geralmente estas magníficas peças de chifre não se destinam a comer com elas, mas apenas a servir esse manjar delicioso que é o arroz doce alentejano, graciosamente bordado a canela, prato imprescindível em todas as grandes festas da família e da terra alentejana.

Nos COPOS o artista utiliza geralmente a parte do chifre que tem maior diâmetro, a sua base, pois aqui a transparência é maior aproveitando-a para dar mais relevo visual aos desenhos que pacientemente lhe gravou.

A utilização do chifre de boi como copo à mesa do homem é muito antiga, pois já no ano nono da nossa Era, quando o célebre poeta romano Públio Ovidio Nasão (34 a. C. — 16 A. D.) estava exilado em Tormes, pequena povoação do país dos Getas, no Ponto Euxino, ao ser obsequiado com um jantar faz referência a que «encontravam-se dois chifres de boi que iam servir-nos de copos à modo geta». (1)

Também numa paródia ao primeiro Canto dos *Lusíadas*, composta em 1589 pelos estudantes da Universidade de Évora, se faz referência aos ébrios empunhando «de chifres copos grandes, taças bravas». (2)

No copo de asa que reproduzimos desenhado, e foi encontrado em casa de uma modesta família de rurais, num bairro popular da cidade de Évora, o artista utili-



Fig. 3

zou a parte média do chifre, pois o copo tem apenas as seguintes dimensões: $0,070 \times 0,075 \times 0,045$. (Figura 3).

A asa do copo que também é trabalhada, é feita de madeira e o fundo é de cortiça estando pregado com três pequenos pregos.

(1) Vintila Horia, *Deus nasceu no exílio*, pág. 97, Lisboa, 1961.

(2) Con. Dr. José Filipe Mendeiros, «O Humanismo da Universidade de Évora», in Bol. *A cidade de Évora*, n.º 43-44, pág. 41.

Todo o copo é transparente e também todo trabalhado com desenhos diversos.

A LIARA destina-se a conduzir a aguardente; é muito usada pelos caçadores e caminhantes na região de Safara, freguesia do concelho de Moura, do distrito de Beja. (1)

No PALITEIRO o artista utiliza a ponta do chifre, fecha-a na parte de cima com uma cortiça que é pregada com pregos de cabeça amarela semiesférica. Aqui existe um orifício por onde saem os palitos, o qual é vedado por uma tampa de madeira trabalhada.

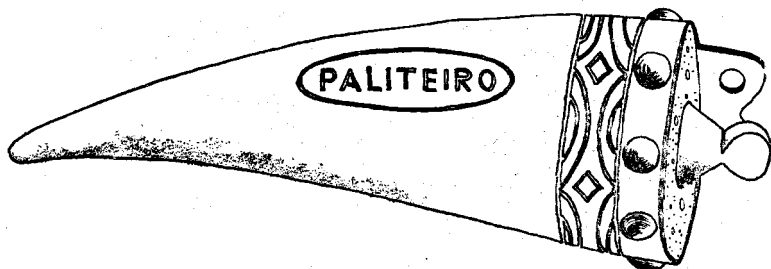


Fig. 4

Na parte superior foi desenhada uma faixa e ao meio, numa oval, o vocábulo «Paliteiro». As dimensões desta peça são as seguintes: 0,17×0,06. (Figura 4).

São também conhecidas as curiosas TABAQUEIRAS feitas de chifre de boi, geralmente muito bem lavradas e trabalhadas, com duas partes, encaixando uma na outra ou então com uma tampa de fecho metálico. Destas é bem conhecida na região de Évora uma tabaqueira que pertenceu ao lavrador e coronel de Cavalaria Artur Câmara Manuel e que deu origem a uma curiosa anedota

(1) J. A. Pombinho Júnior, *Retalhos*, pág. 100.

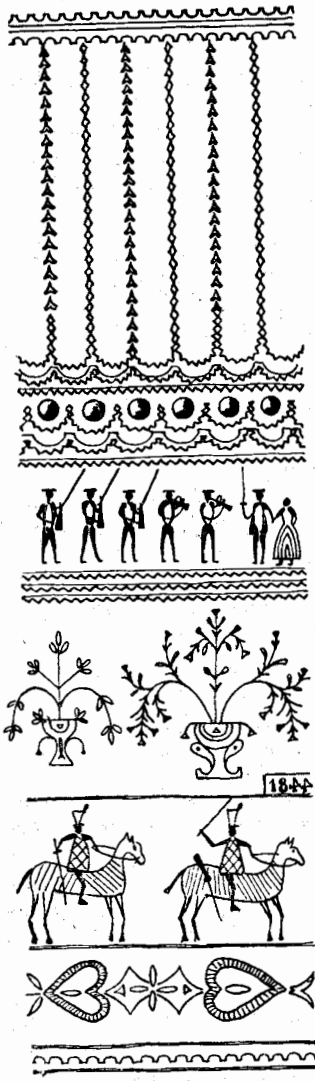


Fig. 5

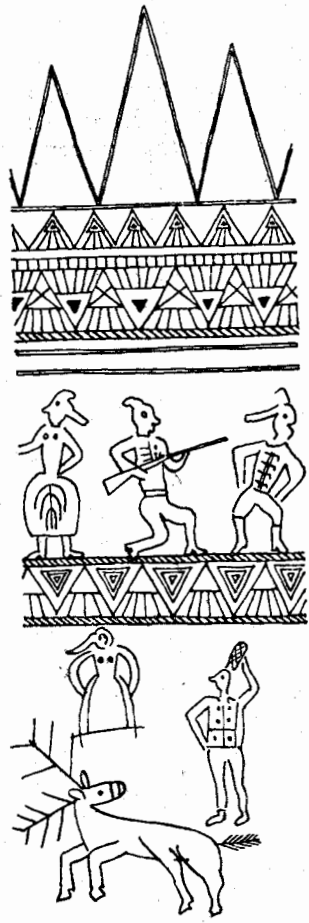


Fig. 6

passada com o Rei D. Carlos, quando se encontrava no Paço Ducal de Vila Viçosa e a que nos referiremos em trabalho especialmente dedicado às tabaqueiras rústicas alentejanas.

Mas é nos POLVARINHOS que vamos encontrar as mais belas peças e as mais altas representações da sensibilidade artística e inventiva do modesto escultor da arte rústica alentejana.

Nestas peças o artista utiliza toda a variada gama das suas extraordinárias qualidades, primeiro desenhando e, depois, como escultor, cortando, escavando mais aqui, menos além, para da fina espessura do chifre de boi tirar todo o partido que é possível fazendo então surgir belíssimas peças de arte.

O polvarinho é uma vasilha onde antigamente os caçadores levavam a pólvora para, no campo, carregarem as espingardas quando andavam à caça.

Para fazer esta peça é utilizada a quase totalidade do cone osseo do chifre do boi e compõe-se de duas partes: — uma é o reservatório ou depósito da pólvora e a outra é a *medida*.

Nalguns polvarinhos a tampa de madeira ou cortiça, é trabalhada com uma figura em relevo.

Como já escrevemos, alguns polvarinhos são verdadeiras obras primas da arte de lavrar o chifre. Citemos, dos variadíssimos que já tivemos oportunidade de contemplar, os dois pertencentes ao já referido museu da histórica vila de Monsarás, o do poeta Azinhal Abelho, de Nossa Senhora da Orada, no concelho de Borba, e, sobretudo, o do Monte do Azinhal.

Num dos polvarinhos do museu de Monsarás, aquele que apresenta desenhados caçadores e cavaleiros, datado de 1844, tem uma base de madeira pregada com pregos de cabeça amarela, termina por uma argola de ferro onde vem enlaçar-se uma correia que se enrola à parte de cima, com uma fivela, que permite pôr ao ombro. Também tem a *medida* mas feita de madeira e a boca do polvarinho com a competente rolha de pau, tudo preso, por corrente de ferro. (Figura 5).

No outro polvarinho também de Monsarás encontram-se interessantes figuras masculinas e femininas,

bem como animais e faixas de desenhos geométricos. (Figura 6).

Neste a boca e a tampa são de madeira, partindo da tampa uma correia que vai fixar a *medida* que é feita da parte extrema e mais fina do chifre.

Por amável indicação do Ex.^{mo} Sr. Coronel Mário Cardozo tivemos conhecimento de que existia na Secção de Etnografia do Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmento, da cidade de Guimarães, um belo polvarinho em chifre lavrado, que pertenceu ao Mosteiro beneditino de Santo Tirso, e talvez seja, também trabalho de algum artista alentejano.

Teve aquele ilustre arqueólogo a gentileza não só de pôr à nossa disposição as magníficas fotografias desse polvarinho, que reproduzimos, mas também nos forneceu os elementos descritivos que seguem:

Os aspectos que, em toda a volta, a decoração desta bela peça nos apresenta em três zonas distintas, a partir da base, podemos descrevê-los deste modo:

A primeira zona, é constituída por uma faixa lisa, outra de escamas e outra com um entrelaçado conhecido na arte ornamental desde tempos remotos, e até muito frequentemente aplicado pelos mosaístas romanos.

A segunda, que é a zona central e a mais importante, apresenta desenhos variados e contém como «motivo» principal uma ânfora ou jarra, com ramos e flores. Por baixo a data — ANNO 1620. Na parte superior um brasão de Armas mostrando, no chefe, um leão rompante olhando à direita; e a ocupar o centro e o pé, três faixas onduladas. Na parte inferior ao escudo nota-se, do lado esquerdo, outro leão rompante e ao centro três aves, duas delas afrontadas e a outra voando à direita; do lado direito vêem-se dois entrelaços muito curiosos, formando uma espécie de corações. Toda esta zona central é encimada por um festão ondulado, contendo folhas alternadas e, por cima, uma corda ou torso.

A terceira zona, a da ponta do chifre, apresenta seis nervuras em relevo convergindo para o vértice.

Do lado da ponta tem um bocal metálico e uma argola de suspensão. Ao bocal falta a tampa, que era de rosca. Do lado da base, o chifre está tapado com um disco de madeira tendo ao centro um furo com tampa

de rosca, também de madeira. Ao lado, o perno de outra argola de suspensão, que lhe falta.

Esta magnífica peça, contando já a bonita idade de quase três séculos e meio, tem de comprimento, na curva exterior, 50,5 cm. e foi oferecida ao Museu de Guimarães em 1897, por António Correia da Fonseca (1).

Num bem quente dia do verão alentejano estivemos pela primeira vez no Monte do Azinhal situado nos arredores de Évora, onde no século XVI o Morgado do Azinhal, Francisco Rodrigues Homem, mandou construir uma casa nobre com escadório granítico e torre quadrangular.

Foi neste «monte» mobilado com muito gosto e onde predominam os mais belos cobres e objectos rústicos do Alentejo, pertencente actualmente à Ex.^{ma} Viúva e Filhos do falecido lavrador Miguel Joaquim de Matos Fernandes, que nos foi dado ver a mais bela peça de chifre lavrada que até agora contemplamos.

É um polvarinho feito num chifre de boi que tem 0,30 de altura por 0,06 de base.

Todos os elementos que vamos referir são recolhidos da observação do próprio polvarinho e estão magnificamente gravados como se pode ver nas fotografias que publicamos.

Foi seu autor o boieiro Martinho Guerra que acabou de o executar no dia 12 de Julho do ano de 1877 e que o ofereceu ao patrão o lavrador Miguel José Fernandes.

Na parte debaixo da inscrição do nome do autor e do patrão ficam duas cercaduras com desenhos diversos de folhas, flores e rosetas que completam a última parte esculpida, pois logo a seguir ficam os pregos amarelos de cabeça semiesférica, que fixam o fundo de cortiça do polvarinho.

A parte superior, isto é, a boca do polvarinho é fechada com uma tampa de madeira, encimada por uma anilha de metal, e, logo abaixo, seguem-se três cercaduras com desenhos, duas com flores e a última com uma simples cadeia de anilhas.

(1) Bibliografia sobre este polvarinho: *Catálogo do Museu de «Martins Sarmento» — Secção IV: Arte e Etnografia*, por Mário Cardozo. Guimarães 1936, e *Revista de Guimarães*, Vol. XIV, 1897, pág. 141.

Depois uma passadeira escavada para fixação duma corrente de metal que vai prender a *medida*.

Sucedem-se de cima para baixo, onze cercaduras com motivos decorativos todos diferentes, mas na base de cada um aparece sempre desenhado um coração.

Na parte central um artístico florão cujo centro é ocupado pela Cruz de Cristo. À direita deste florão desenha-se um pássaro e, por baixo, uma figura e depois uma árvore com duas letras A. E.

É altura de explicar que estas letras A. E. são a primeira e a última do vocábulo árvore. Isto mesmo acontece com as outras figuras esculpidas. Vejamos:

Por baixo da árvore está desenhado um cão e as letras C. O. À esquerda uma sercia, com as letras S. A. Em baixo e à direita da árvore está esculpida uma moeda com a seguinte inscrição:

Ludovics I Portug. ET: ALGARB. 1867.

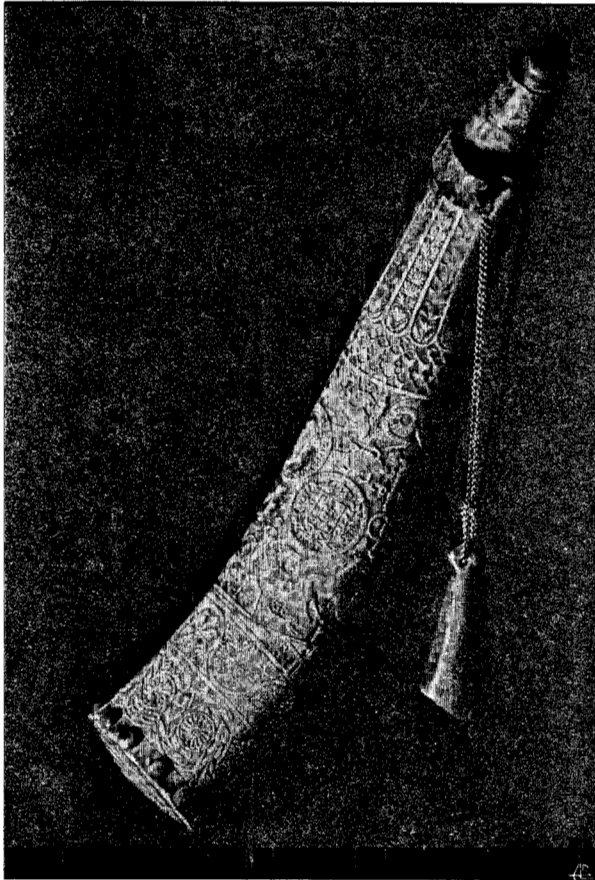
Na parte inferior as seguintes iniciais MF (Miguel José Fernandes), e em baixo um cavaleiro montando um cavalo com as letras C. O.

Na parte esquerda do florão e ao alto encontra-se desenhado um lagarto, com as letras L. O. Ao alto uma gibóia, com as letras G. A. Por baixo destes animais está esculpida uma cabra e as letras C. A.; na parte inferior um boi e as letras B. I.; mais abaixo está uma vaca com um bezerrinho a mamar e as letras V. A.

Ainda ali se encontram esculpidos outros animais tais como um cágado, burro, galgo perseguindo uma lebre, com as letras respectivas C O, B O, G O.

Também está esculpida a outra face da moeda, com a coroa e o escudo real (500 réis).

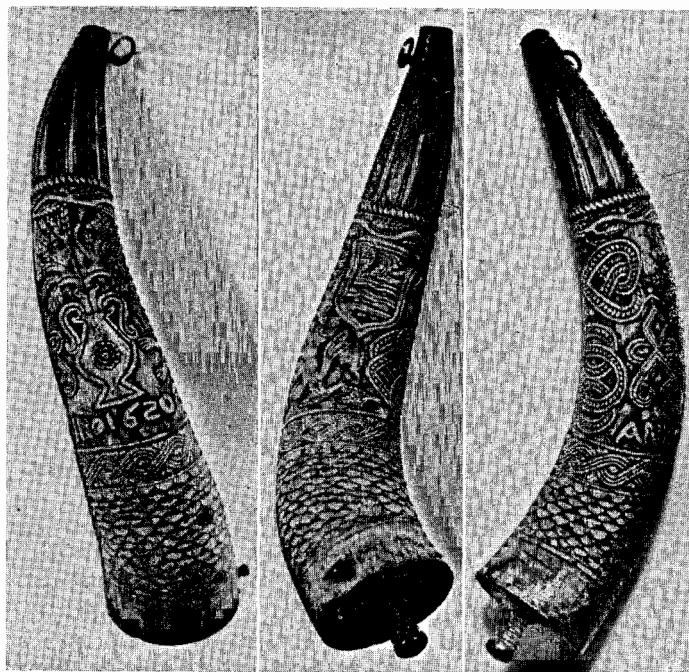
Mas em todo este belo polvarinho se vêem magníficos desenhos gravados em esquadrias harmónicas, formando um conjunto de encantadora beleza e não sabemos que mais admirar se a arte da execução, que é perfectíssima, se a fértil imaginação do artista que o concebeu e realizou, prova bem evidente de que nesta tão desconhecida província transtagana os artistas são também pastores, cuja oficina é a terra bendita do Alentejo e cuja sombra é só a que vem do céu.



Polvarinho do Monte do Azinhal



Polvarinho do Monte do Azinhal



*Três aspectos do polvarinho do Museu de
«Martins Sarmiento» (Guimarães)*